Associações culturais e recreativas: Dimensões educativas e processos de formação

Teresa Medina
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/ CIIE
tmedina@fpce.up.pt

João Caramelo
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/ CIIE
caramelo@fpce.up.pt)

Carla Cardoso
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/ CIIE
mced11021@fpce.up.pt

Na sequência da Revolução de Abril de 1974, a sociedade portuguesa conheceu uma forte expansão do movimento associativo em diversos domínios da vida social, com a criação e/ou redinamização de milhares de associações e coletividades, muitas das quais assumiram um papel decisivo na educação e formação de um número muito significativo de jovens e adultos e no desenvolvimento de importantes dinâmicas educativas locais, configurando o que Canário (2007) identifica como o "período de ouro da educação de adultos em Portugal".

A partir do processo de institucionalização do regime democrático, muito particularmente na sequência da adesão de Portugal à União Europeia, em meados dos anos 80, tem-se vindo a assistir a transformações diversas no campo associativo, com a extinção de associações, a transformação de outras em Instituições Particulares de Solidariedade Social e ainda ao surgimento de novas associações e de novas formas de associativismo.

Estas transformações têm implicações a diversos níveis da intervenção e ação das associações, sendo também percetíveis a nível dos modos de participação dos seus membros e de inserção nas comunidades locais, bem como na dimensão educativa da sua intervenção e nos processos de educação e formação (informais, não formais, formais) que nelas ocorrem.

O acompanhamento, orientação e realização de diversos trabalhos académicos em torno do associativismo, tem-nos permitido dar conta de uma complexa articulação, muitas vezes dificilmente compaginável, entre imperativos de sobrevivência institucional, apelando a transformações nas dinâmicas e nas formas de organização associativa, designadamente no que respeita às suas dimensões educativas e à formalização de processos de formação de adultos, e a manutenção de um papel absolutamente relevante na promoção de processos militantes e emancipatórios de educação informal e não formal que, todavia, ainda perduram em muitas associações.

Nesta comunicação, a partir das vozes e discursos de ativistas de diferentes associações culturais e recreativas, cujas histórias de vida e de formação se cruzam com a história das "suas" associações, reconhecidas por eles como "grandes escolas de formação", procuraremos refletir sobre o sentido educativo e formativo que lhes é atribuído, a multiplicidade de aprendizagens decorrentes da participação associativa e a natureza dos processos de formação que nelas ocorrem.

Palavras-chave: associativismo, educação de adultos, educação informal.

> Uma das memórias que tenho de quando era pequenina, tinha uns 6 ou 7 anos, é de ir ver um teatro de fantoches lá na minha terra, na CRACS. Foi uma experiência marcante, creio, pois em Sousela nunca tinha havido nada do género. Recordo de entrar na CRACS, recordo o pano, com os fantoches na parte de cima e recordo ter ido perto de alguns dos atores. Hoje sei que esse foi um momento raro. Veio um grupo do Porto apresentar-se naquela localidade rural. Naquela altura era algo mesmo importante vir um grupo do Porto a uma localidade pequena como aquela. Passaram mais de 20 anos e continuo a recordar esse momento. (CC)[1]

> O associativismo permitiu-me, por exemplo, e em termos de convívio com as pessoas, posicionar-me melhor em termos sociais, em termos culturais. Aprendi muita coisa, em termos de cultura, que eu ignorava. (…) Comecei a interessar-me por livros, porque eu não lia, comecei a interessar-me por muita coisa. O associativismo tem toda uma gama de experiências absolutamente interessantes. E depois até aprendemos a programar, a realizar coisas que não estariam no nosso âmbito, nem sequer nos apercebíamos que éramos capazes de fazer. Mas a verdade é que toda essa dinâmica do associativismo é sempre um trabalho de equipa em que, individualmente, ninguém se destaca mas se conseguem, às vezes, realizações fantásticas (JS).

Estes relatos refletem bem a importância do movimento associativo, que nasce da necessidade que as pessoas tiveram e têm de se encontrarem umas com as outras e de descobrirem em conjunto respostas para inquietações, desejos, necessidades ou problemas.

As transformações do associativismo em Portugal

Não obstante a riqueza do que foram as experiências associativas no fim da monarquia e na primeira república e as dinâmicas associativas que, apesar das políticas repressivas da ditadura, se desenvolveram durante o Estado Novo, o associativismo, em Portugal, tem um desenvolvimento mais acentuado na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974. Com a queda do fascismo e o início do processo de democratização, vive-se um período marcado por "uma intensa participação na vida política, económica, social e cultural, pela certeza de que era possível uma vida melhor e que estava nas mãos de cada um a sua concretização." (Medina, 2008, p. 233).

Efetivamente, a partir do 25 de Abril, as pessoas adquirem uma maior consciência de si próprias, dos seus direitos e deveres, reconhecendo o papel que podem desempenhar nos processos de mudança e transformação social. Assumindo-se como atores e autores sociais e como construtores da história, são muitos os que tomam a iniciativa e desenvolvem a sua ação de forma entusiasta, intervindo nas mais diversas instâncias e setores. Como afirma Medina (2008, p. 243),

> milhares de portugueses passam a intervir ativamente na vida política e social, na criação e dinamização de novas formas de organização social, na tomada dos sindicatos corporativos e na constituição de novos sindicatos, na formação de comissões de moradores, de milhares de associações populares e de associações de estudantes, em partidos políticos, na organização e na direção de diferentes estruturas.

[1] Os excertos citados no corpo da comunicação constam de entrevistas realizadas no âmbito dos trabalhos de Cosme (2010), Ferreira & Rodrigues (2008) e Silva (2006) referenciados na bibliografia.

Neste processo, a luta por melhores e mais dignas condições de vida surge estreitamente associada à luta pelo direito à educação, à cultura, ao tempo livre e ao desporto, enquanto expressões do exercício real de uma democracia participativa. Os sujeitos organizaram-se, envolveram-se e criaram, então, uma forte dinâmica de participação, vivenciando um processo educativo e formativo de uma enorme riqueza que muito contribuiu para a sua transformação pessoal e para a transformação do mundo à sua volta. De acordo com Canário (2007, p. 11):

> as movimentações sociais que então ocorreram representaram a época mais importante de um processo de aprendizagem individual, mas também e sobretudo coletivo, que marca o período de "ouro" da educação e formação de adultos em Portugal, nas últimas três décadas.

Analisando a evolução mais recente do associativismo, particularmente após o início do processo de adesão de Portugal à União Europeia, são percetíveis diversas alterações no panorama associativo, com profundas implicações na rede de associações existentes, no tipo de atividade que desenvolvem, nas suas formas de organização e no grau de envolvimento de muitos dos seus intervenientes. A propósito destas transformações, Canário (2009) considera que

> assiste-se, a partir de então, à emergência de novas associações e à reconfiguração das anteriores no sentido de se orientarem para a captação de financiamentos comunitários, permitindo-lhes funcionar como executoras de políticas que lhes são exógenas e alheias à tradição do "velho" associativismo popular baseado na militância e no voluntariado. As consequências desta dependência dos processos de financiamento e de contratualização de parcerias com o Estado são marcantes no que respeita a uma limitação da autonomia destas associações seja em termos de orientação política, seja em termos de recursos e de processos de ação, o que torna problemática a concretização de projetos educativos claros em termos democráticos, associativos e emancipatórios. (p. 118).

Efetivamente, é possível verificar que muitas associações foram criadas ou sofreram processos de transformação no sentido de dar resposta a diferentes necessidades das populações, nomeadamente no âmbito do apoio à infância, à terceira idade e a situações de exclusão social, chamando a si e assumindo responsabilidades do Estado. É neste processo que muitas associações, até para poderem ter acesso a apoios e financiamentos, se viram constrangidas a desenvolver um outro tipo de atividades (designadamente no campo da educação/formação formal), e a modificar a sua natureza jurídica, com a transformação em Instituições Particulares de Solidariedade Social. Esta transformação/mutação de muitas associações tem implicações diversas ao nível do seu funcionamento, modificando as suas lógicas de ação e intervenção e o perfil de muitos dos seus protagonistas.

> Emerge, assim, como indispensável para fazer face às novas tarefas associativas "uma tecnoestrutura" que faz apelo a "saberes especializados que não se encontram ao alcance da maioria dos dirigentes, dos associados ou dos animadores voluntários". Esta profunda mutação no campo do associativismo popular é feita à custa da renúncia a traços identitários que lhe eram estruturantes, nomeadamente a democraticidade interna, de carácter direto, e a oposição a lógicas de mercado e de dependência externa. (Canário, 2009, p. 115).

De certa forma, pode dizer-se que assistimos a uma transformação ao nível da identidade de muitas associações, que passam a ser geridas por gestores formados para esse efeito e a ter necessidade de contratar quadros profissionais. Tende a perder-se assim o

carácter voluntário e militante que era seu traço identitário, conduzindo, em algumas circunstâncias, a uma perda de autonomia e liberdade das associações na definição da sua atividade e formas de intervenção.

Ao mesmo tempo tem-se vindo a assistir, também, à criação de novas associações com objetivos bem delimitados, em torno de causas muito específicas e com existências muitas vezes curtas.

Apesar das transformações a que temos vindo a assistir, continua a existir um forte movimento associativo, de cariz popular, que procura contrariar as lógicas atrás referidas e que se caracteriza pelo esforço de manutenção da sua autonomia e intervenção próprias, assente ainda no trabalho militante e voluntario de muitos milhares de dirigentes e outros ativistas, fortemente inserido nas comunidades locais e assumindo um papel de grande importância no desenvolvimento destas. É sobre este tipo de associações, que assumem um papel ímpar no fomento de inúmeras atividades culturais e desportivas a nível local, mas muitas vezes invisibilizadas em diferentes estudos e análises sobre o associativismo, que nos iremos debruçar, refletindo, a partir das vozes de alguns dos seus intervenientes, sobre dimensões educativas e processos de formação informais e não formais que nelas ocorrem. Mas, e como afirma Canário (2007, p. 11),

> para que essa "leitura" seja possível, torna-se necessário, por um lado, romper com uma visão e uma abordagem das políticas educativas centradas na iniciativa e no papel central do Estado e, por outro lado, mostrar a importância decisiva de processos educativos não formais, que se combinam e confundem com formas de ação e de luta pela transformação social.

Aprendizagens realizadas

Nos últimos anos têm sido desenvolvidos na FPCEUP, no âmbito da licenciatura e de formações pós-graduadas em ciências da educação e ensino das artes visuais, diversos trabalhos em torno do associativismo e da caraterização de diferentes associações, analisando-se, entre outros aspetos, as dimensões educativas resultantes da vivência associativa. Efetivamente, inúmeros testemunhos recolhidos dão conta da importância que assumiu e assume nas vidas dos entrevistados a experiência de participação, traduzindo-se na realização de uma grande diversidade de aprendizagens.

Em muitos dos discursos, os processos educativos são explicitamente reconhecidos, afirmando-se mesmo o associativismo, enquanto espaço potenciador de inúmeras aprendizagens e de transformações pessoais profundas, como uma grande "escola", o que remete para uma comparação da experiência associativa com o contexto educativo mais reconhecido como tal, embora, claramente, com caraterísticas diferentes e equacionado, fundamentalmente, como um espaço de relações humanas e de formação de valores.

> eu fui licenciado muito antes pelo movimento associativo (JG)

> os mais antigos costumavam dizer que o teatro amador era a universidade dos pobres (JR)

> A escola não está organizada de forma a criar cidadãos, tem uma parte importante, as competências técnicas da pessoa, mesmo assim penso que falha um bocado, nos moldes que está. Mas principalmente, acho que é esse fator, falta formação de valores. (GP)

No entanto, a centralidade hoje atribuída à expressão Escola acaba por desempenhar, paradoxalmente, um duplo papel – por um lado, se para alguns ativistas, a comparação com a escola, instância a que se associa um grande valor educativo, traduz-se na valorização das associações e do papel destas, por outro lado, para outros, traduz-se no não reconhecimento, de forma explícita, do que vivenciam nas associações como um processo educativo, uma vez que as aprendizagens que referem ter realizado não ocorreram num contexto escolar formal:

> (…) eu aqui não tirei nenhum curso, tirei alguma aprendizagem, em boa verdade, mas que é um todo, que é aquilo que me foi constituindo, não aprendi absolutamente mais nada (ML)

> (…) A única coisa que eu aprendi foi a compreensão das pessoa, de resto … (JD)

Do mesmo modo, em muitas das entrevistas, é patente a preocupação em dar ênfase a aprendizagens passíveis de adquirir, ou adquiridas, no exercício do trabalho associativo, sendo que é a natureza de "trabalho" que é invocada como elemento legitimador da validade das aprendizagens:

> Eu fiz um discurso aqui na última sessão solene em que dizia que o dirigente é: datilógrafo, chefe de contabilidade, correspondente e tem que fazer isso tudo. Qualquer dirigente tem que o fazer e tem que saber fazer. (JD)

O trabalho de análise e interpretação dos discursos implica, assim, uma grande atenção não só às afirmações onde o reconhecimento do educativo aparece de forma explícita mas também àquelas onde esse reconhecimento apenas surge implicitamente. Em termos metodológicos e analíticos é importante realçar como a representação do educativo é atravessada por uma tensão entre a educação formal, não formal e informal, que tende a invisibilizar estas últimas e que nos deve alertar para a pertinência de uma conceção teórica do educativo mais ampla, que permita apreender outro tipo de aprendizagens e outro tipo de processos de educação e formação para além daqueles que a simples associação a contextos escolares ou profissionais permite reconhecer.

As aprendizagens identificadas, sendo de diferente tipo, estão sempre associadas à atividade que as associações desenvolvem e que cada interveniente é chamado a realizar (enquanto dirigente, ativista, responsável por áreas de intervenção específicas, membro do grupo de teatro, do grupo musical, do rancho, da equipa desportiva, etc.), bem como à rede de relações que nelas ocorrem ou se estabelecem.

Do conjunto de testemunhos recolhidos perceciona-se que os sujeitos ao mesmo tempo que põem em relevo aprendizagens a que atribuem um cunho eminentemente prático (gestão corrente da associação, secretariado, contabilidade, gestão de recursos, conceção e planificação de atividades, organização de eventos, …), salientam igualmente aprendizagens de tipo relacional (animação de grupos, falar em público, escuta do outro, gestão de conflitos, condução de reuniões, capacidade de argumentação, estabelecimento de parcerias, …) e aprendizagens que dão origem a transformações profundas do ponto de vista pessoal (formação cultural, atitudes, valores, …).

> (…) nós dirigentes, por vezes, queixamo-nos de tudo aquilo que damos em termos de dedicação e carolismo a estas associações, mas a verdade é que não damos apenas, também recebemos. E o meu exemplo é que eu era um operário metalúrgico e a partir do momento em que entrei para o associativismo, fui obrigado a ter que lidar com alguns problemas, como a manutenção da secretaria, a contabilidade. E a partir daí aprendi quer a função de

> contabilista quer a de secretaria. Daí que hoje, exerço uma profissão que foi exatamente neste tipo de casas que eu aprendi. (JS)

> Olhe, eu já encontrei gente que era incapaz de falar em público e depois começaram a ser diretores, a vogais ou a exercerem outras funções nas coletividades e começam a desinibir-se. Um homem começava a conversar, às vezes dizendo asneiras, mas a partir da vivência e da convivência foram [aprendendo]. Tudo isso é valorização pessoal, não é? (AM)

> Uma coisa que também me ajudou muito durante os quatro anos em que fui secretário, foi em termos de organização do trabalho, de organizar tarefas, de planear, de gerir melhor o tempo que tenho, por estar mais dependente de prazos, de datas. Em termos pessoais serviu um pouco para melhorar em relação a essa característica, e em relação à questão das relações com as outras pessoas. Hoje em dia sinto que tenho mais facilidade em dirigir-me a este ou àquele, a uma entidade a quem preciso de me dirigir para falar, para fazer qualquer coisa, como ao Presidente da Camara, para pedir uma reunião e depois falar com essa pessoa, sinto-me muito mais à vontade nesses casos do que anteriormente, isso claramente. Sim, principalmente essas duas coisas, em termos de capacidade de organização do próprio tempo e de relacionamento com outras pessoas. (GP)

> (…) É uma forma de cidadania… acho que as pessoas ao terem a possibilidade de estar numa coletividade e poderem partilhar, de terem acesso a algumas atividades culturais e no caso do Centro há uma diversidade muito grande. Mas, estou a lembrar-me de outras coletividades em que o teatro tem um papel importantíssimo na formação das pessoas. Outras é mais em termos musicais. Temos aí várias coletividades (…) que têm sido fundamentais na formação musical de muitos jovens do concelho. (PR)

> o que eu aprendi como homem, a minha filosofia de vida, foi aprendida nesta casa, com os mais velhos. (…) foi aqui que aprendi a ser o que sou hoje (…a solidariedade, a parte da amizade, da honestidade, da sinceridade, é nestas casas que se ensinam (JG).

Todo este conjunto de aprendizagens e vivências nas associações potencia igualmente a aprendizagem e o exercício quotidiano da cidadania e de formas de democracia participativa, que se traduzem no envolvimento não apenas no conjunto de atividades desenvolvidas, mas também nos processos de discussão, de proposição e de tomada de decisão que marcam, de forma diversa, a vida de cada associação.

> No associativismo uma das coisas que é fundamental é saber trabalhar em grupo, é ter a capacidade de ter a nossa opinião, de lutar até pelas nossas opiniões, mas também de saber ouvir as outras para podermos decidir da melhor maneira (MS).

Para além das aprendizagens atrás referidas, que poderíamos considerar transversais ao envolvimento na vida da associação, particularmente dos seus principais dirigentes e ativistas, há outras mais intencionais e específicas de determinados grupos, associadas a certo tipo de atividades como o teatro amador, a música, a dança, o folclore, a prática desportiva, etc., que muitos entrevistados referem, salientando a enorme importância do papel desempenhado, também a este nível, por muitas associações. Efetivamente, é em coletividades e associações locais que muitos milhares de pessoas têm a oportunidade de aprender e se envolver em diferentes atividades e formas de expressão cultural e na prática de modalidades desportivas diversas, realizando aprendizagens que vão muito para além do domínio de técnicas e procedimentos, por muito importantes que estes sejam.

> O associativismo ajuda muito na vida das pessoas e as próprias atividades também ajudam. Por exemplo, numa coletividade, as pessoas que se dedicam ao teatro têm logo à partida uma necessidade de saber mais coisas sobre a vida, porque têm que construir personagens; os atores têm necessidade de ler mais, que é importante hoje em dia (…) (MS)

> [no grupo de teatro] aprendi que uma pessoa sozinha não é nada (…) aprendi a ser mais solidária (…) aprendi a trabalhar em equipa (…) aprendi a aceitar as ideias dos outros (…) aprendi que todos têm o direito de dar a sua opinião (SA)

Processos de formação e aprendizagem

A partir de muitas das entrevistas realizadas é possível refletir igualmente sobre os processos de aprendizagens informais e não formais presentes na atividade associativa e que remetem para a sua articulação estreita com o contexto que cada associação constitui, para a atividade ou conjunto de atividades desenvolvidas, para as redes de relações estabelecidas e para o grau de envolvimento e implicação pessoal de cada um.

Uma análise transversal dos processos de aprendizagem, reconhecidos pelos seus protagonistas ou induzidos pela análise dos seus discursos, permitem destacar processos de formação de geometria variável, que podem incorporar diferentes dimensões, concomitantes ou articuladas, que de modo diverso estão presentes no que identificamos como dinâmicas educativas das vivências associativas.

Não havendo uma intencionalidade educativa explícita, muitas das aprendizagens resultam da *praxis* quotidiana, do exercício da atividade, da prática que se vai adquirindo no ato de fazer, num processo de formação na ação e para a ação. Face à necessidade de dar resposta a situações e problemas novos e diversos, equacionam-se as melhores soluções, mobilizam-se conhecimentos e experiências anteriores (individuais e coletivas), aprendem-se e implementam-se novos caminhos que, por sua vez, servirão de ponto de partida para o encontrar de respostas a problemas futuros, num processo de recomposição e construção conjunta de saberes contextualizados, mas também suscetíveis de serem novamente reorganizados e mobilizados face a outras situações e contextos. Os conhecimentos e saberes de cada um cruzam-se e partilham-se, frequentemente, em reuniões e em conversas informais, na planificação da ação e na sua concretização, com os conhecimentos e saberes dos outros, ao mesmo tempo semelhantes e muito diversos, mas também com os conhecimentos e saberes acumulados na associação e que fazem parte do património desta, atualizando-os permanentemente.

> Por isso, formei-me bastante no associativismo, principalmente como dirigente, na interação com as outras pessoas de diferentes áreas, com diferentes vivências, com diferentes mentalidades, ganhei bastante, e depois o prazer de fazer algo pelos outros, pela comunidade, sem estar à espera de nada em troca, (GP)

> Eu quando converso com dirigentes e homens que estão nisto há muitos anos, mesmo muito humilde que o diretor tenha sido, ensina sempre alguma coisa (…) O seu testemunho, aquilo que fez, são referenciais para quem é mais jovem (…) é a valorização e o testemunho das pessoas. Isto passa assim, a história do movimento associativo há de se fazer de boca a boca (…) (AM)

A envolvência relacional e afetiva assume uma enorme importância, dando sentido à participação de cada um, criando as condições para a troca de ideias e para a reflexão, para

que todos possam aprender com todos, para a criação e desenvolvimento de uma cultura comum em que a resposta a novos desafios e o assumir de responsabilidades podem ser encaradas com tranquilidade, experimentando o prazer de aprender e sem o medo de errar que, noutros contextos, dificulta claramente os processos de aprendizagem.

> Aprendi muito a partir das pessoas que já faziam parte da associação, que lideravam, que geriam mais a associação, com o convívio no dia-a-dia associativo com essas pessoas, de ver como é que fazem, de ir começando a experimentar cada uma dessas situações, claro que com a ajuda dessas outras, mas passando cada vez mais a ser autónomo nesses caso, mas foi muito através das pessoas que já faziam parte, que já tinham mais experiencia nesse campo, foi muito a partir disso. (GP)

> Foi a fazer, foi a fazer … fazendo asneiras (JS)

Os valores, hábitos, tradições e ritos diversos, as disposições e a cultura organizacional de cada associação constituem, claramente, uma experiência fortemente socializadora para os seus membros, sendo mais facilitadores de aprendizagens os contextos que permitem vivenciar coletivamente situações diferenciadas que estimulam a participação, a ligação às comunidades e a implicação nos processos de tomada de decisão e a ação.

A par destes processos mais informais de formação é percetível hoje, em muitas associações, a tendência para o recurso a processos de maior formalização e para a realização e frequência de inúmeros cursos de formação, em grande medida resultantes de maiores exigências burocráticas, administrativas e jurídicas com que crescentemente são confrontados os dirigentes associativos e que obrigam a respostas de natureza mais "profissional", mobilizando formadores com caraterísticas e tipos de ligação ao movimento associativo muito diferenciados.

Do mesmo modo, é possível também identificar alterações significativas nos responsáveis por determinadas atividades (encenadores, coreógrafos, maestros, treinadores, …), designadamente nos grupos de teatro, música, dança, folclore e mesmo nos grupos desportivos, em que, crescentemente, é possível encontrar jovens, alguns dos quais cresceram nessas mesmas associações, com formação a nível do ensino superior nessas áreas, diferentemente dos seus antecessores com percursos escolares e de formação específica muito mais reduzidos, traduzindo-se numa tendência para uma maior "profissionalização", mesmo quando o trabalho continua a ser voluntário.

Ao longo desta comunicação assumimos claramente uma perspetiva positiva ou benévola daquilo que é a aprendizagem dentro do movimento associativo. Mas é importante salvaguardar que esta é uma análise possível sobre as aprendizagens e os processos de aprendizagem decorrentes do envolvimento associativo, mas que não ignora a existência de formas de participação e de gestão associativa potenciadoras de efeitos educativos diferentes dos que temos vindo a assinalar.

De qualquer modo, a importância e o peso que o movimento associativo continua a ter na sociedade portuguesa e na educação e formação de milhares e milhares de crianças, jovens e adultos obriga a que as associações não possam continuar a ser ignoradas nos discursos e nas práticas educativas e no âmbito da definição dos projetos educativos locais.

Referências bibliográficas

Canário, Rui (Ed.) (2007). *Educação popular e movimentos sociais.* Lisboa: Educa.

Canário, Rui & Rummert, Sónia (Eds.) (2009). *Mundos do trabalho e aprendizagem*. Lisboa: Educa.

Cosme, Vânia (2010). *Aprender fazendo e experienciando no grupo de teatro amador da escola dramática e musical Valboense*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.

Ferreira, Ana, & Rodrigues, Sofia (2008). *Associações e coletividades: Espaços e tempos de vida e formação*. Relatório de Estágio da Licenciatura, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.

Medina, Teresa (2008). *Experiências e memórias de trabalhadores do Porto. A dimensão educativa dos movimentos de trabalhadores e das lutas sociais*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.

Silva, Maria Filomena (2006). *Associação de moradores: Do lugar da habitação ao espaço público*. Trabalho final de Pós-Graduação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, Portugal.